

Oratória política e eleitoreira

RUY NUNES

Nas "Observações Finais" do seu livro Oito Anos de Parlamento. Poder Pessoal de D. Pedro II. Reminiscências e Notas (S. Paulo, Melhoramentos s/d), Afonso Celso recolheu alguns preceitos para os oradores políticos, que ele retirou da Lógica Parlamentar de William Gerard Hamilton — deputado na Câmara dos Comuns, homem de um só discurso durante 40 anos —, e do livro Oradores de Timão, que ele apresenta entremeados de reflexões individuais. Esses preceitos guardam o seu valor, e seriam úteis para os políticos atuais.



"O político, escreve Afonso Celso, que está sempre a falar da sua probidade faz desconfiar que é traste; da sua vigilância, que é preguiçoso; da sua gratidão, que é ingrato; da sua coragem, que é covarde (...). Não se mostre altivo nem humilde: seja verdadeiro (...). A antiga definição do orador — Vir bonus dicendi peritus — comprova-se todos os dias. O bom orador, aquele cujo discurso persuade e convence, não pode deixar de ser homem de bem. Só da palavra desse decorrem consequências secundas, salutares e duradouras. Os cépticos, os de consciência avariada, conseguem delectar, arrastar mesmo, num dado momento, mas não inspiram a confiança necessária às grandes resoluções. A verdadeira eloquência é a paixão por uma causa justa. De três maneiras a razão se convence: pelo caráter do orador, pela disposição do auditório e pela força da argumentação. A primeira é a única segura e eficaz. Os homens honestos, maus oradores, conseguem mais, mesmo nas assembleias ávidas de eloquência, do que os desonestos verbosos. O meio de influir numa vasta assembleia consiste em proceder bem, de forma a merecer acatamento (...). A glória dos discursos é efêmera. A decorrente do caráter, da correção em todos os atos, sobrevida."

Verdadeira eloquência é a paixão por uma causa justa

Esses preceitos são excelentes e válidos, mas a sua aplicação à política hodierna erige, sem dúvida, alguns reparos.

Primeiro, há que se levar em conta que eles valem mais para uma assembleia de pessoas cultas ou para comunidades pequenas, onde os oradores sejam conhecidos, pois "pelos frutos se conhece a árvore".

Segundo, que hoje em dia a máquina de propaganda viabiliza com incrível facilidade, e grande margem de sucesso, o enaltecimento atraente dos pulhas e das mentiras, graças aos recursos da publicidade, capaz de vender o criminoso como herói, a vítima inocente como delinquente, o déspota como um justo, e o oprimido como um perigoso subversivo. Hitler, orador que empolgava as massas, foi um criminoso atroz e sem escrúpulos, nos antípodas do vir bonus dicendi peritus.

Terceiro, é preciso considerar que os políticos e candidatos a cargos públicos, na ânsia de triunfarem a qualquer custo, mentem descaradamente, fazem uso em pejo de máscaras para ludibriar o povo e os que, de feito, os desconhecem, pois a hipocrisia — sempre um vício detestável e nefando —, se lhes afigura um estratagema de sabedoria política, um sinal de esperteza e um recurso vantajoso nas campanhas políticas. Desse modo, os salvadores da pátria dizem o que, de fato, não pensam; prometem o que jamais hão de cumprir e o que eles sabem não querer ou não poder realizar. Assim, se nos reportarmos às passadas campanhas de candidatos a governador e a prefeito, se lembrarmos dos seus programas e das suas veementes promessas de "casas para todos", "terra para os agricultores", "educação e escolas para todas as crianças", "saúde e hospitais", etc, poderemos verificar que, após dezenas de anos e depois dos tonitruantes anúncios de benfeitorias, alardeados de peito empinado, pouco ou nada se fez. A injustiça no tratamento dos camponeses pobres continua na mesma, agravada ainda mais com tantos massacres e assassinatos impunes; o atendimento hospitalar, exceto para os ricos e bem pagantes, é uma vergonha nacional; a educação, apesar de certo aumento numérico das escolas, é uma área preterida por governantes e políticos, pois a situação delas em grandes cidades e no interior do País continua lastimável, dado o alto índice de analfabetismo, o desaparecimento dos prédios e das salas de aula, a crônica falta de recursos e, o que é pior, o aviltamento do magistério cujo trabalho não é reconhecido nem é remunerado de acordo com o seu valor, a sua importância e os seus encargos. Talvez não interesse mesmo aos politíqueiros um país culto e civilizado, que seria uma presa difícil para a sua voracidade e maquiavelismo.

No entanto, apesar da continuada orgia dos mascarados em tempo de folia eleitoral, os cidadãos brasileiros estão aprendendo a lhes discernir a verdadeira fisionomia. Esse olhar, pouco a pouco, habilita-se a penetrar além das máscaras coloridas pela publicidade; os ouvidos se lhes afinam para captar com critério, através da zoadas das promessas ocas e dos programas para inglês ver, as intenções obscuras dos enganadores profissionais.

Ruy Nunes é professor da Universidade de São Paulo.